

## **Evangelizar a copa do mundo**

Evaristo E. de Miranda

19/01/2011

Mais de 33 bilhões de expectadores assistiram à soma dos 64 jogos da Copa do Mundo na África do Sul, em mais de 200 países. Quase cinco vezes a população do planeta. Mais de 250 redes de televisão, 16.000 jornalistas, radialistas e técnicos foram credenciados. O Brasil parou diante da TV para assistir a Copa. A audiência foi de 45 pontos no IBOPE para Globo e 10 para Bandeirantes, contra 1,3 da Record. Investir na Copa é um grande negócio. O montante pago por patrocinadores da Copa do Mundo e da Seleção Brasileira supera o PIB de muitos países. O retorno é garantido.

Em 2014, a Copa do Mundo será no Brasil. O futebol tem uma enorme importância social há mais de 50 anos. O país veste, liturgicamente, as cores do Brasil na Copa do Mundo, o verde e o amarelo. O tema tem a condição de “bem cultural da nação”. A Copa é uma questão de Estado. Grandes investimentos na estrutura urbana (duplicação de avenidas, criação de novos acessos, pontes, túneis, trem de alta velocidade, ampliação de portos e aeroportos etc.) estão previstos e em curso. Governos estaduais e municipais também investem. Quando a Copa acabar, esses investimentos ficam.

Além do País, para uma cidade também é estratégico sediar jogos da Copa do Mundo. Porto Alegre, por exemplo, tem 27% de seus esgotos tratados, mas para sediar a Copa, a Prefeitura comprometeu-se em tratar 80%, investindo 500 milhões de dólares, em saneamento básico. O dinheiro virá do BID. Cada turista estrangeiro gasta cerca de 100 dólares por dia e a previsão é de 200 mil em Porto Alegre. No Rio de Janeiro, que também sediará as Olimpíadas, os investimentos previstos são da ordem de 90 bilhões de reais só na capital fluminense. Quem aprova, disciplina e fiscaliza tudo isso tem tido uma atitude dura, exigente, implacável e sistemática: a FIFA. Além de dimensões sociais e econômicas, existem as religiosas que a Igreja não pode ignorar e para as quais deveria começar a preparar-se:

1 - A fé cristã entra em campo com os jogadores que fazem o sinal da cruz ao pisar e ao deixar o gramado ou ao marcar um gol, nas orações que fazem de mãos dadas, de joelhos etc. Outros levam frases religiosas escritas em camisetas sob o maiô oficial da seleção. A FIFA estuda a proibição de manifestações religiosas durante os jogos. Certamente, a Igreja será questionada sobre isso.

2 - Movimentos evangélicos organizados de jogadores (Kaká, Lúcio...) e treinadores (Jorginho) na seleção nacional, além garantirem significativas contribuições financeiras para suas igrejas, agem com palestras, sites, encontros etc., como no caso dos “Atletas de Cristo”. Eles foram muito ativos na África do Sul e serão ainda mais no Brasil. Durante os jogos o povo reza, faz e paga promessas e leva símbolos religiosos aos estádios. Zagallo com sua imagem de Santo Antônio era um exemplo disso.

3 – Os temas esportivos e atléticos estão presentes nas Sagradas Escrituras, principalmente nas cartas de S. Paulo onde sobram imagens de competidores, corridas, disputas, atletas, coroas, louros, prêmios e vitória. Esse termo tem nas Escrituras uma dimensão muito mais próxima da vitória esportiva sobre um adversário, do que da vitória militar e guerreira contra um inimigo.

4 - Durante a Copa, muita gente vai lutar pela audiência da população. A mídia, ao relacionar-se com cada pessoa dessa audiência: cumprirá um papel de mediação entre elas e o Copa. Essa mediação tem diversas dimensões. Em primeiro lugar a mídia vai ocupar uma posição intermediária. Um pouco como os santos e Maria Santíssima mediando as demandas dos homens junto a Deus. Em segundo lugar, existe uma relação entre o mediado e o imediato, entre o mundo da TV e o mundo real. Finalmente a mediação pode ser uma operação cognitiva, conscientizadora, libertadora entre o sujeito individual e a realidade: experiência, interpretação e significado. A mídia vai interpretar e dar significado à Copa, segundo seus interesses. Qual poderia ser a mediação da Igreja? Como evangelizar durante a Copa do Mundo? Vale a pena começar a pensar nisso, já em 2011.